

A Prosa Romântica



Contexto de Produção

- Início da prosa literária no Brasil
- O público buscava na literatura apenas uma distração
- As histórias eram publicadas em capítulos nos jornais (folhetins)

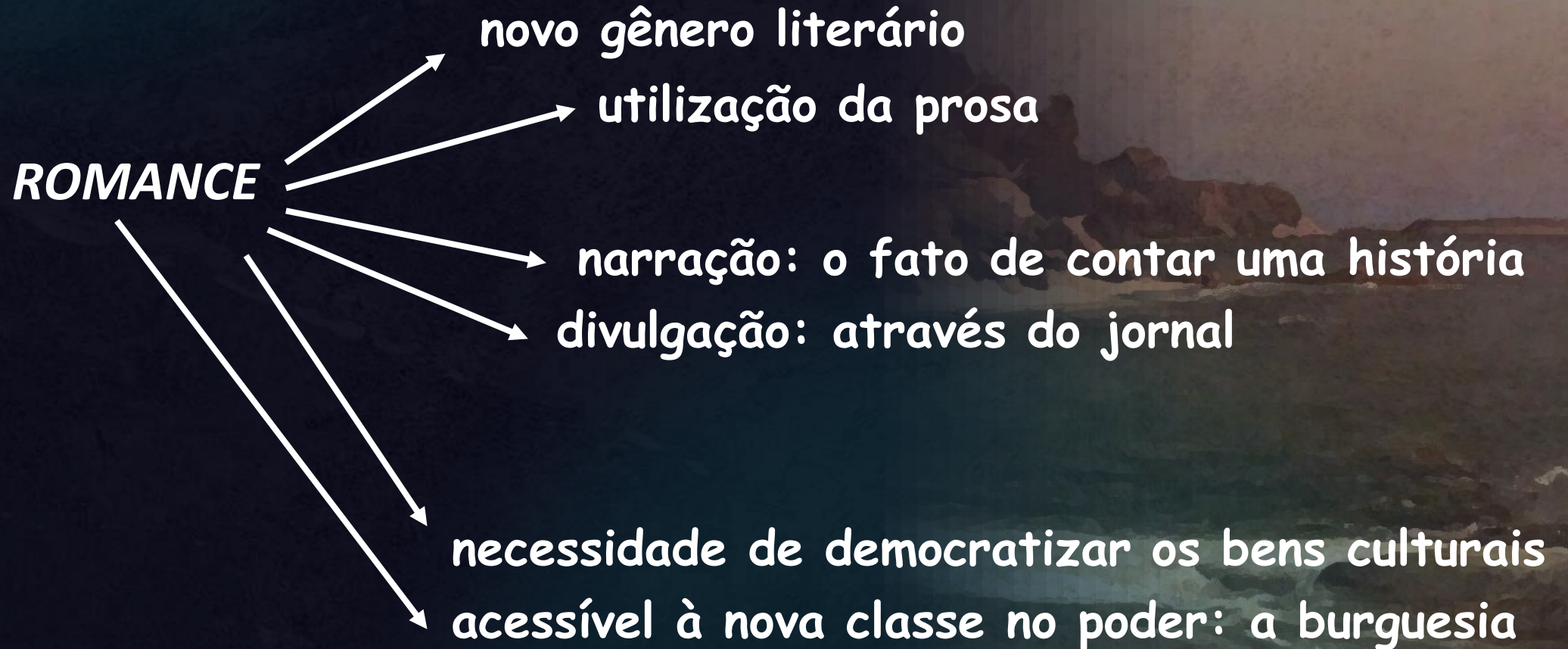


Contexto de Produção

- Tramas fáceis
- Final feliz
- O amor sempre vence
- Literatura mais popular
- Lado positivo da burguesia
- Desenvolvimento da imprensa
- Língua literária brasileira diferente da lusitana



Contexto de Produção



Contexto de Produção

Romances de folhetins:

- ✓ leveza
 - ✓ atenuação dos conflitos
 - ✓ tom "água-com-açúcar"
 - ✓ superficialidade dos primeiros romances
 - *leitura fácil*
 - *cheios de "ingredientes"*
 - *pitoresco*
- a atração → do leitor
- a manutenção → do leitor



Contexto de Produção

Antônio Cândido:

- *O triunfo do romance não é fortuito*

- *O fundamento:*

a realidade é elaborada por um processo mental que guarda intacta a verossimilhança externa, fecundando-a por um fermento de fantasia, que a situa além do cotidiano, em concorrência com a vida

Contexto de Produção

Construção de uma identidade nacional:

- *Tentativa de construir, no período pós-Independência, uma identidade nacional que desse conta das nossas tradições e culturas e de nossa língua.*
- *Os autores voltam-se para os espaços internos, reconhecidamente a selva (o primitivo), o campo (o regionalismo) e a cidade (a vida citadina e os acontecimentos da burguesia).*

ROMANCES ROMÂNTICOS

Joaquim Manuel Macedo

A Moreninha (1844)

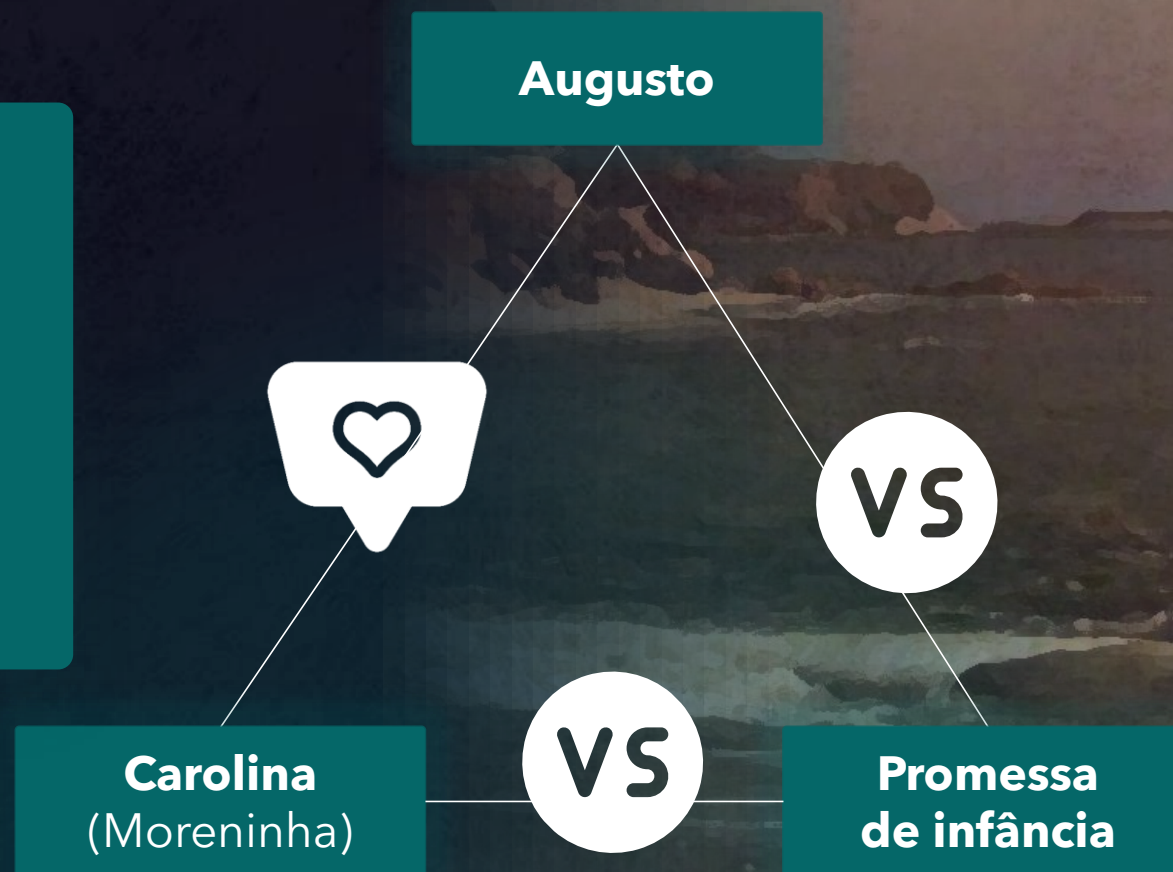
Esquema

Tríade romântica

Jovens estudantes de Medicina

Fabrício
Leopoldo

Augusto
Filipe



ROMANCES ROMÂNTICOS

Joaquim Manuel Macedo

A Moreninha (1844)



Relevância histórica:

Considerado o primeiro romance da literatura brasileira



Teor documental:

descrição da corte (RJ) e seus costumes

ROMANCES ROMÂNTICOS

Joaquim Manuel Macedo

A Moreninha (1844)

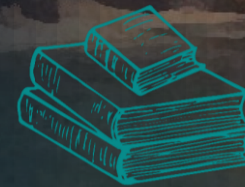


Personagens-tipo:

apenas cumprem seu papel na trama (lutar por seu amor)



Visão de mundo conservadora



Linguagem ágil e viva:

com certo coloquialismo nos diálogos

José de Alencar



Colocou em prática um projeto estético para
nossa literatura



Construiu um amplo painel artístico no Brasil:
por meio de uma literatura que abrangia o país
(de modo idealizado e otimista) em sua história,
realidade social e essência cultural

Índio

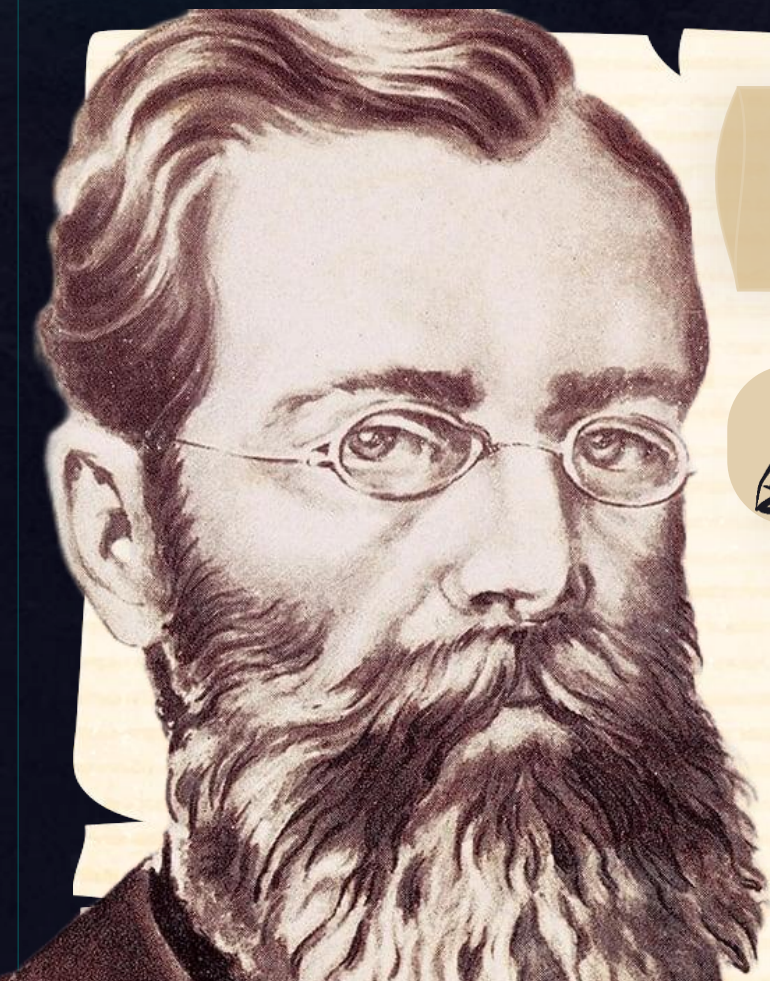
Natureza

Costumes

Mitos

Regiões

José de Alencar



Colocou em prática um projeto estético para
nossa literatura



Abrasilização linguística:

rompeu com os obsoletos padrões estilísticos da literatura portuguesa e tentou criar uma linguagem brasileira, em especial as obras indianistas

ROMANCES INDIANISTAS

José de Alencar

O guarani (1857)

Esquema

Tríade romântica

Outras personagens

D. Antônio de Mariz
(fidalgo luso)

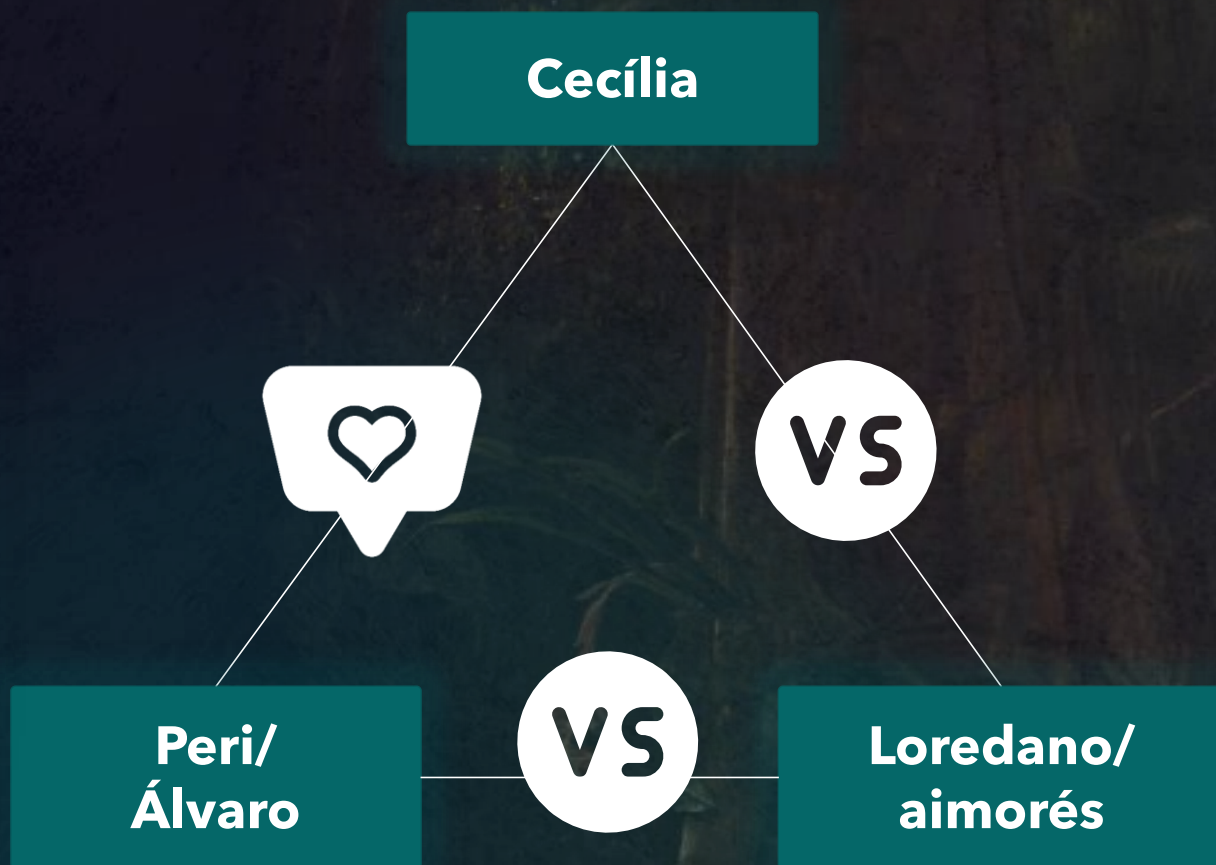
Dona Lauriana (esposa)

Cecília (filha)

D. Diogo (filho)

Isabel ("sobrinha")

Álvaro de Sá (agregado)



ROMANCES INDIANISTAS

José de Alencar

O guarani (1857)

**Forte
maniqueísmo**

Bem

Peri-Cecília
Álvaro

VS

Mal

Loredano
e os aimorés

ROMANCES INDIANISTAS

José de Alencar

O guarani (1857)



Possui fundo histórico



**Estilo
intensamente
folhetinesco**



**Absoluta idealização
da cor local geográfica
(natureza) e humana
(índio *bom selvagem*)**

ROMANCES INDIANISTAS

José de Alencar

O guarani (1857)



**Absoluta idealização
da cor local geográfica**
(natureza) e **humana**
(índio *bom selvagem*)



**Linguagem de
teor adjetivoso**

**Mito do
povoamento**

ROMANCES INDIANISTAS

José de Alencar

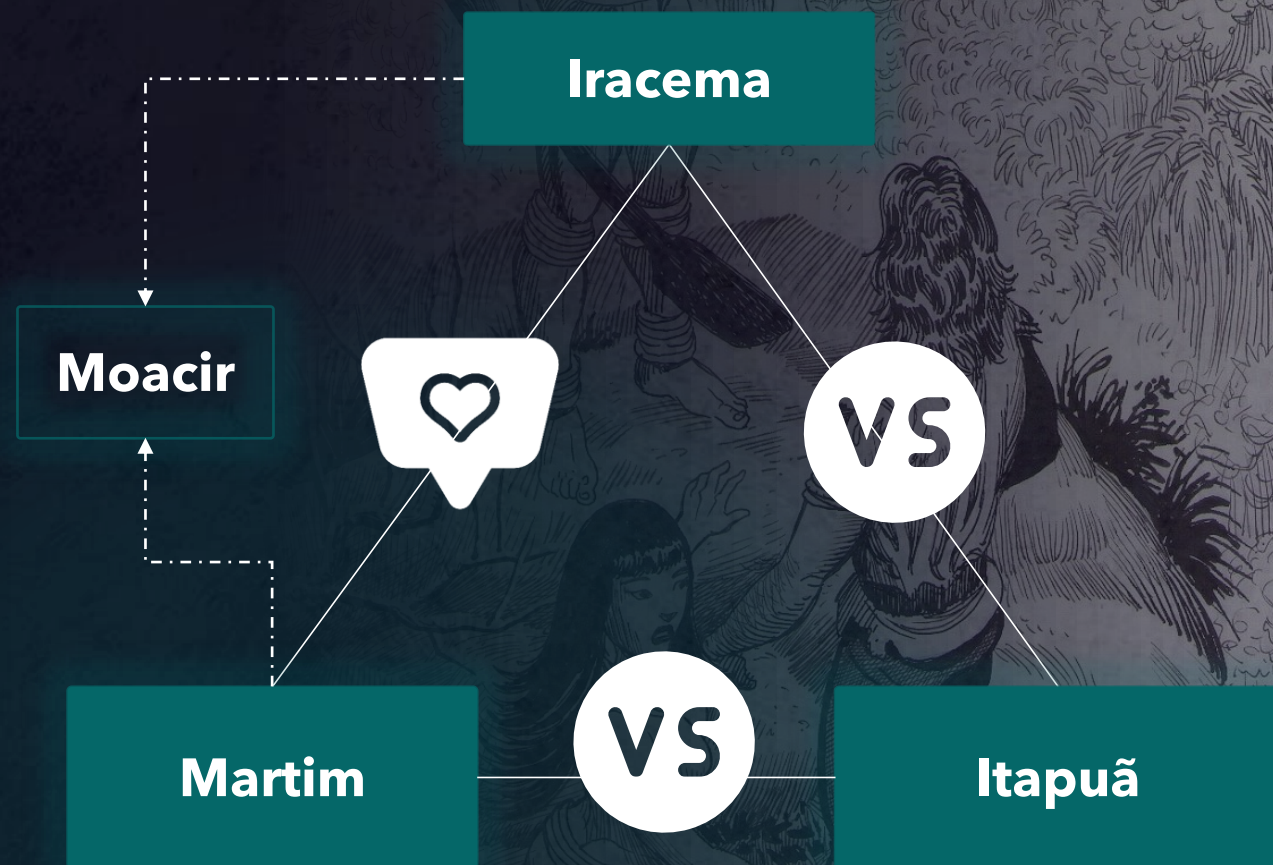
Iracema (1865)

Esquema

Tríade romântica

Outras personagens

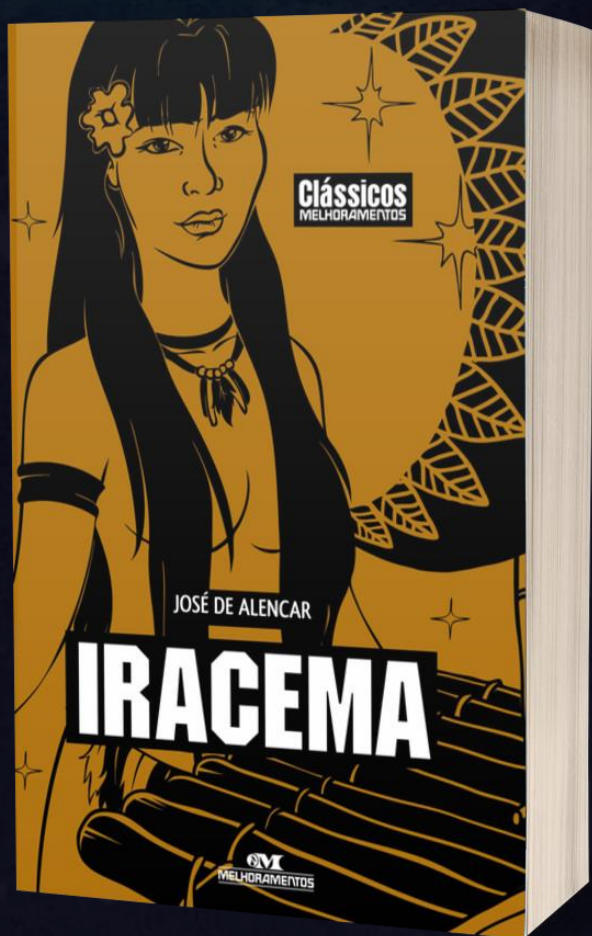
Poti, Jacaúna e Araquém



ROMANCES INDIANISTAS

José de Alencar

Iracema (1865)



Aspectos relevantes

**Romance
histórico-indianista**

Colonização do Ceará e
formação do nosso povo

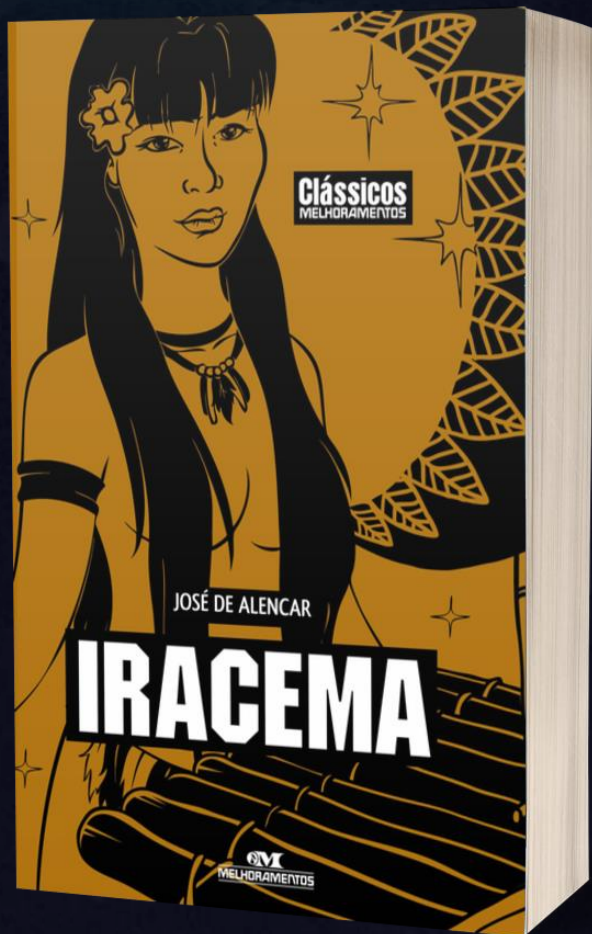
**Submissão dos indígenas
ao homem branco**

**Mito da
colonização**

ROMANCES INDIANISTAS

José de Alencar

Iracema (1865)



Aspectos relevantes

**Foco narrativo:
3ª pessoa**

Narrador foge à objetividade
e à neutralidade

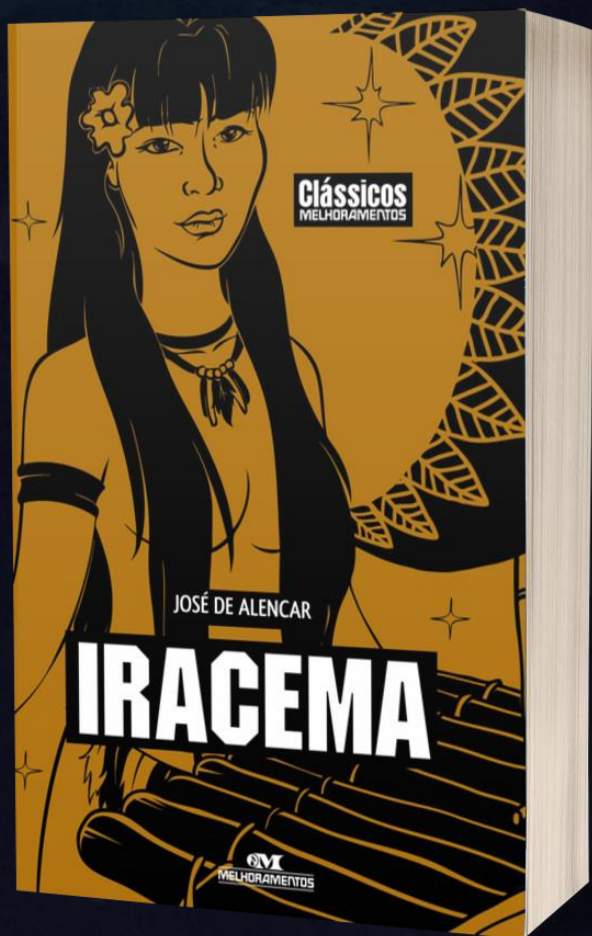
Tom enfático

Teor adjetivoso, em especial
ao caracterizar Iracema

ROMANCES INDIANISTAS

José de Alencar

Iracema (1865)



Aspectos relevantes

Prosa proética

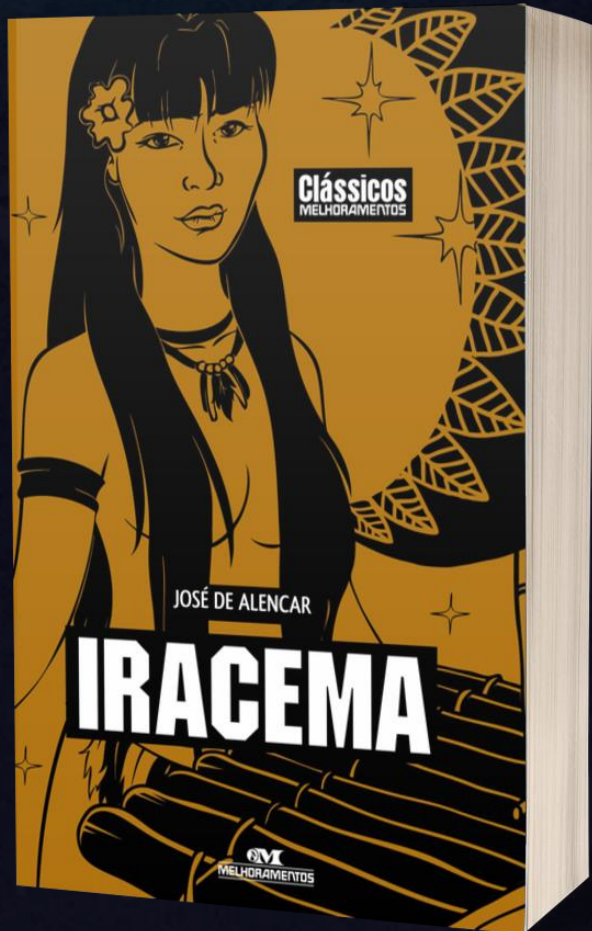
Ora pela musicalidade, ora pelas metáforas e símiles com a natureza

Emotividade e lirismo no discurso

ROMANCES INDIANISTAS

José de Alencar

Iracema (1865)



Aspectos relevantes

O Mito da Colonização

- **Matim Soares:** o colonizador europeu
- **Iracema:** a indígena ou a “América” (IRACEMA é uma anagrama de AMÉRICA)
- **Moacir:** fruto da relação do colonizador com

a América

“Nascido da dor”

- **Morte da Iracema:** a América que seca e sucumbe
- **A partida de Martim com Moacir:** o retorno do colonizador com o fruto da colonização

ROMANCES INDIANISTAS

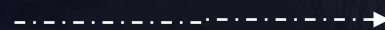
José de Alencar

Ubirajara (1874)

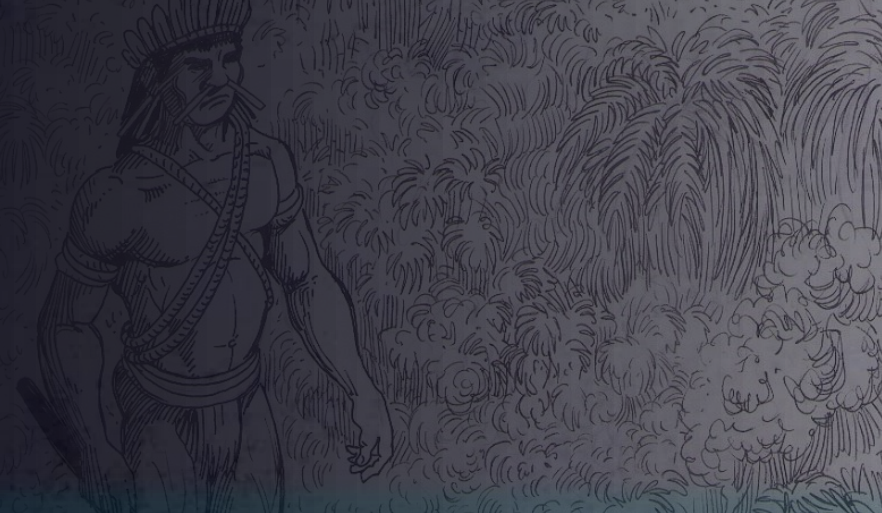
Primeiro termo da "tríade
indianista"

O indígena puro

Ainda não fora corrompido
pela presença do europeu



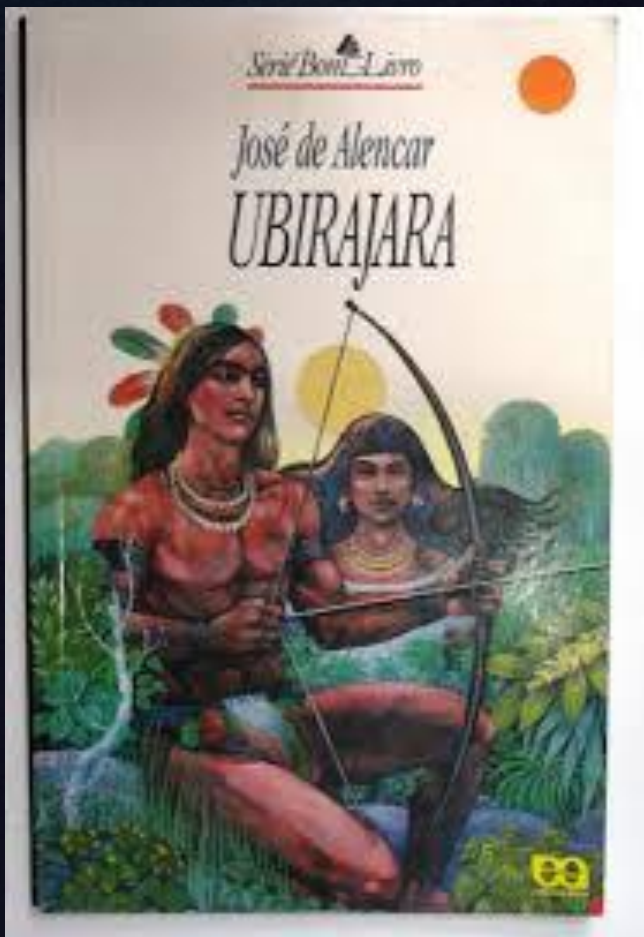
Mito do "bom selvagem"



ROMANCES INDIANISTAS

José de Alencar

Ubirajara (1874)



Aspectos relevantes

"Culpa" os europeus pelas consequências do processo de aculturação

Defesa do indígena e sua cultura natural

Narrado em 3^a. pessoa

Cenário: as matas do atual estado do Tocantins

ROMANCES URBANOS

José de Alencar

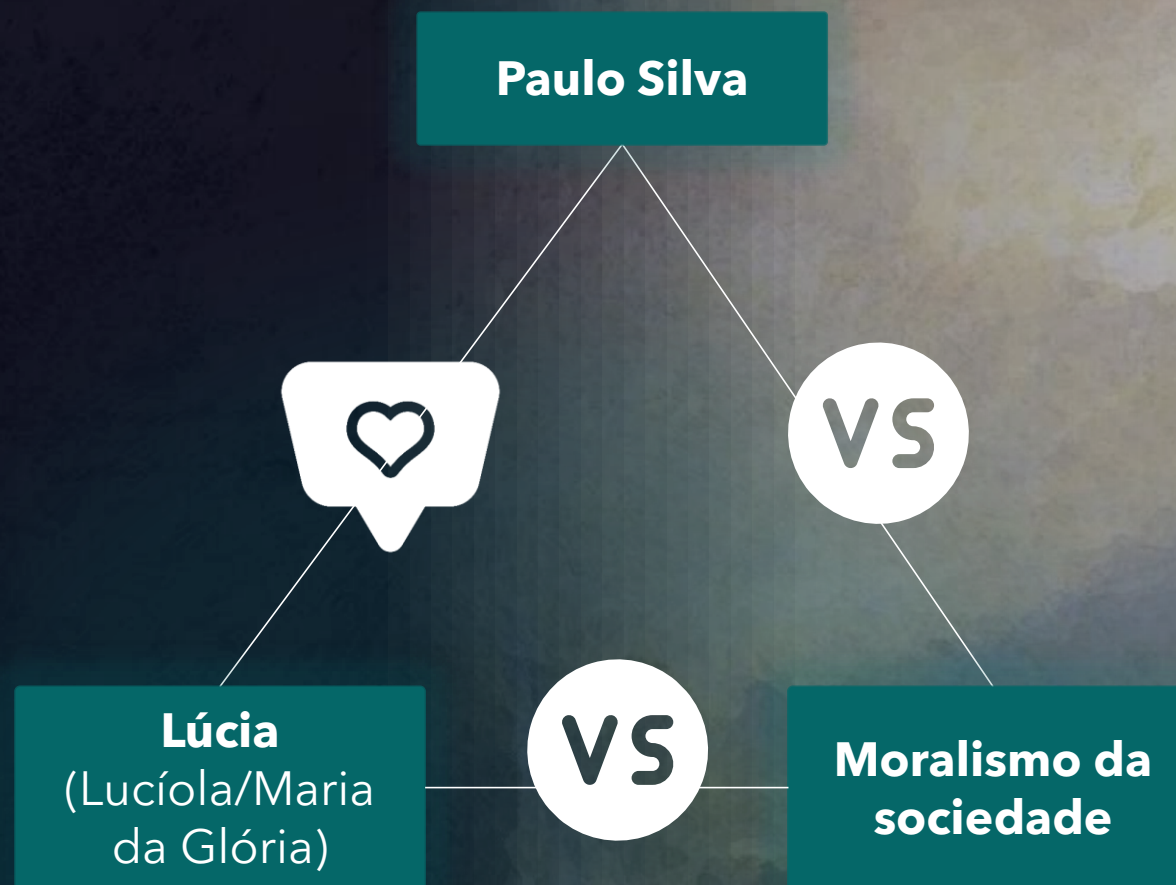
Lucíola (1862)

Esquema

Tríade romântica

Outras personagens

Ana, Irmã de Lúcia, senhora G.M.



ROMANCES URBANOS

José de Alencar

Lucíola (1862)



Tema recorrente no Ocidente:

Injustiças sociais inviabilizam o amor entre uma jovem de família conservadora e uma cortesã



Extremo conservadorismo:
sociedade hipócrita e preconceituosa



Final melodramático:
Lúcia prefere a morte a lutar por sua plena realização afetiva

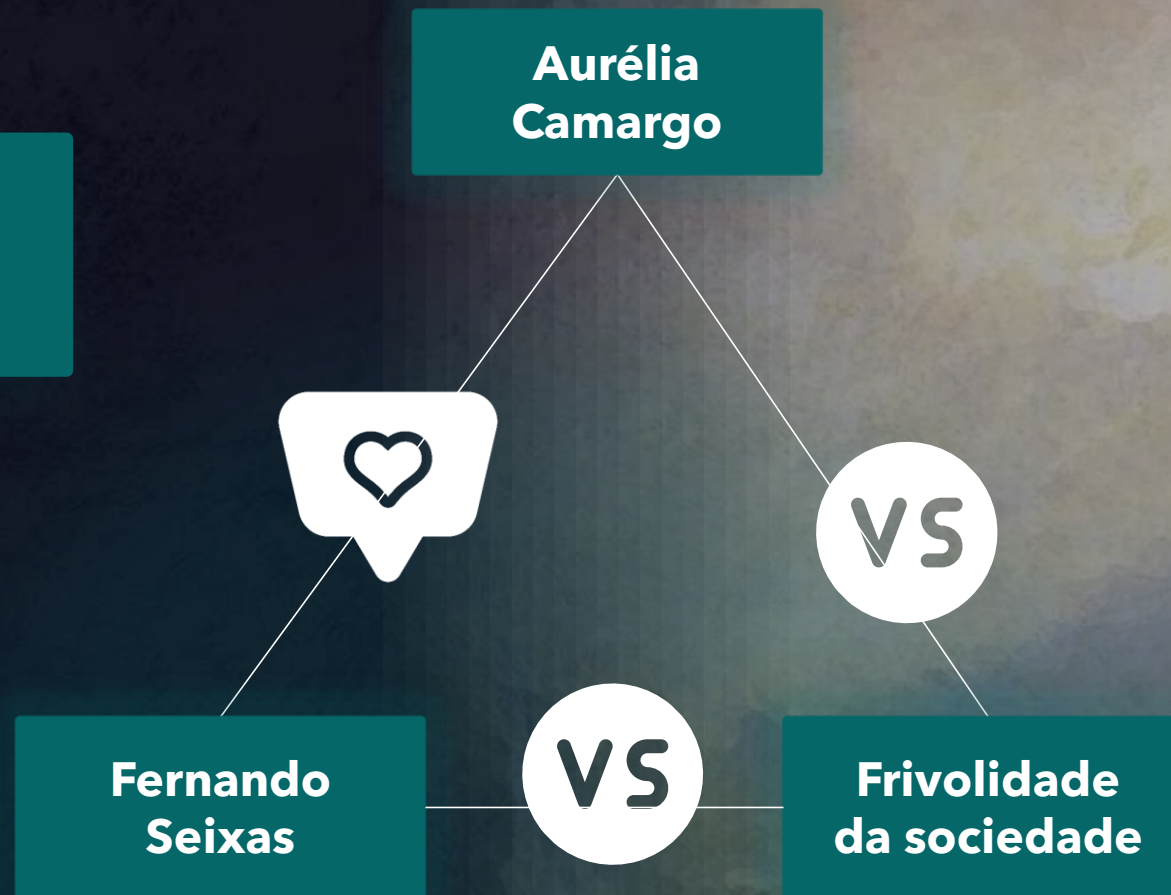
ROMANCES URBANOS

José de Alencar

Senhora (1875)

Esquema

Tríade romântica



ROMANCES URBANOS

José de Alencar

Senhora (1875)

**Dura
crítica ao
casamento
por
interesse**

A estrutura da obra alude a uma transação comercial:

O preço

Quitação

Posse

Resgate

**Narrativa revela a doentia ambição
e o arrivismo da burguesia local**

ROMANCES URBANOS

José de Alencar

Senhora (1875)

**Dura
crítica ao
casamento
por
interesse**

O preço

- A "compra" de Fernando Seixas
 - Sua humilhação
 - A vingança de Aurélia
- Sua demonstração de poder

Quitação

- Conhecemos a história de Aurélia, seu passado pobre e a herança
 - A relação inicial de Fernando e Aurélia
- A rejeição de Fernando e seu compromisso com Adelaide motivado pelo dote

ROMANCES URBANOS

José de Alencar

Senhora (1875)

**Dura
crítica ao
casamento
por
interesse**

A Posse

- **Aurélia e Fernando estão casados**
 - **Casamento de aparências**
- **Fernando é constantemente humilhado por Aurélia**
- **A vingança de Aurélia colocada em prática**

O Resgate

- **A devolução do dote**
- **A confissão do amor de ambos**
 - **O resgate da dignidade**
- **A consolidação do amor entre ambos**

ROMANCES URBANOS

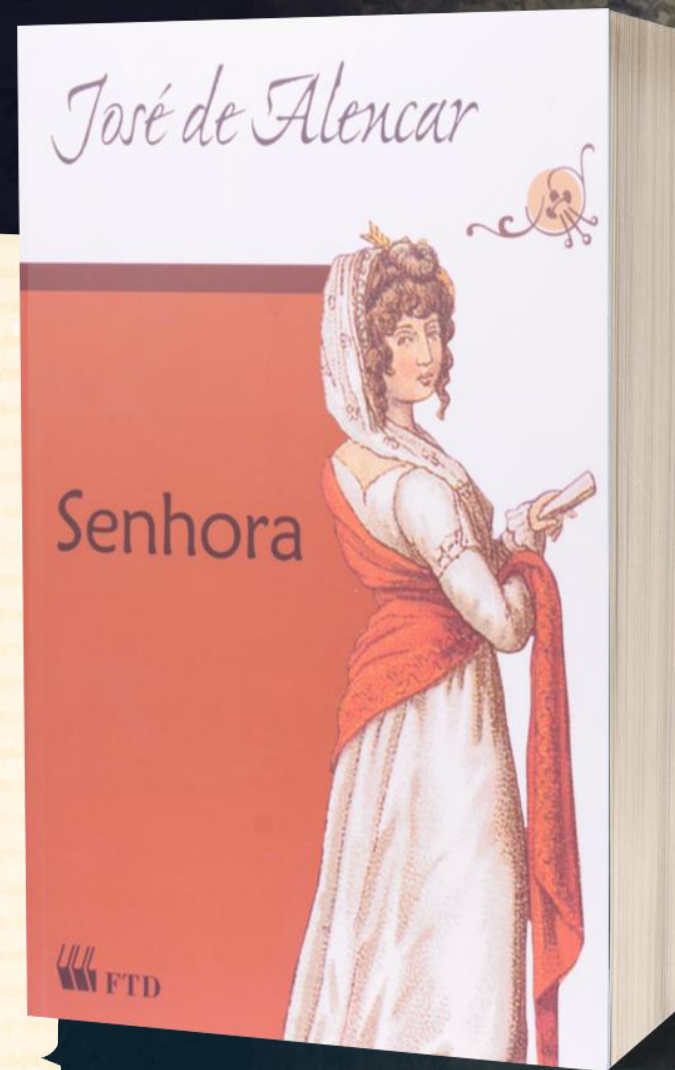
José de Alencar

Senhora (1875)

Traços realistas com desfecho romântico

Conservador e otimista

Em estilo folhetinesco, dá-se a vitória do amor edificante sobre o poder negativo do dinheiro





Demais obras de Alencar

Quadro-síntese

Demais obras de Alencar

Quadro-síntese

Romances urbanos

Cinco minutos
(1856)

A viuvinha
(1857)

Diva
(1864)

A pata da gazela
(1870)

Sonhos d'ouro
(1872)

Encarnação
(1877)

Regionalistas ou sertanistas

O gaúcho
(1870)

O tronco do ipê
(1871)

Til
(1872)

O sertanejo
(1875)

Demais obras de Alencar

Quadro-síntese

Históricos

As minas de prata
(1862)

Alfarrábios
(1873)

*A guerra
dos mascates*
(1872)

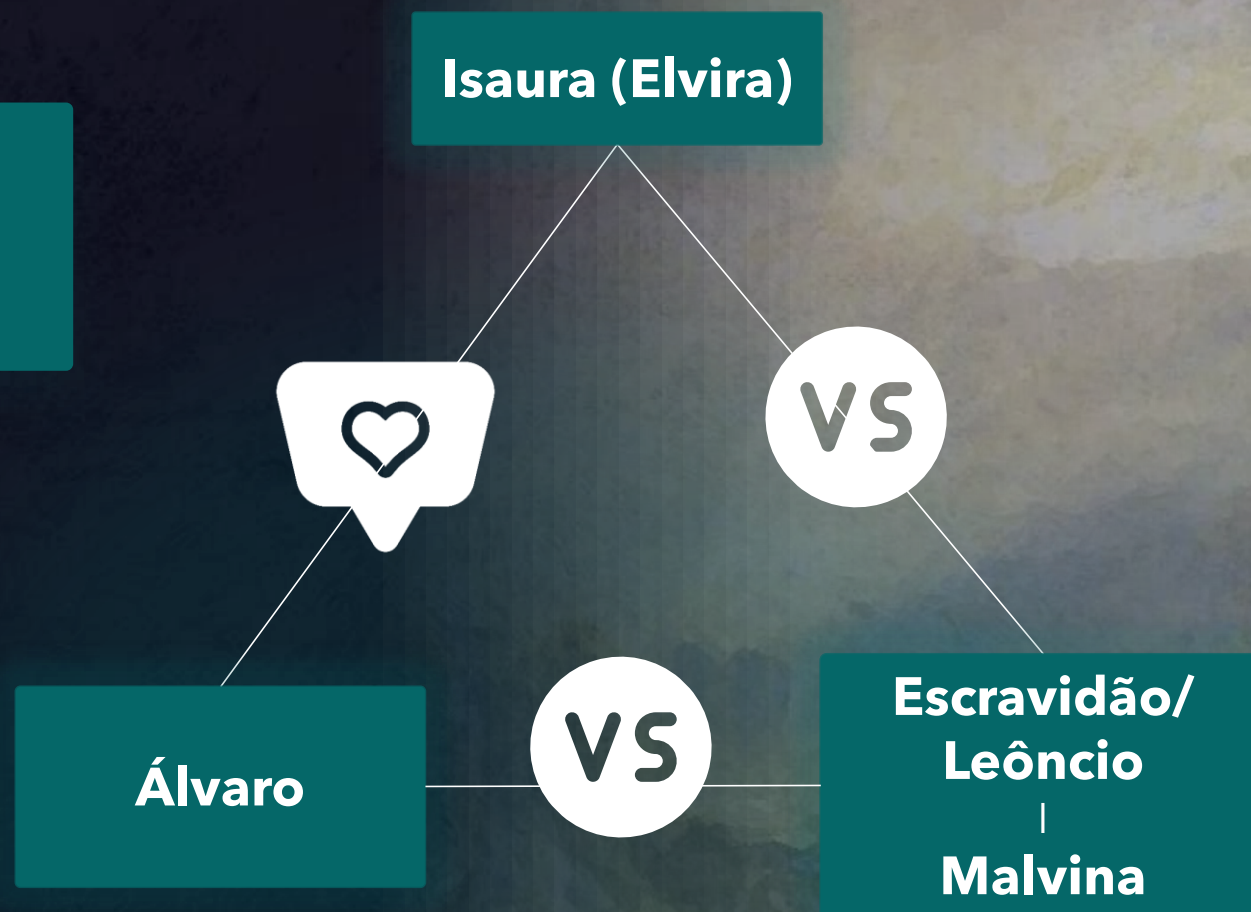
ROMANCES SERTANISTAS (REGIONALISTAS)

Bernardo Guimarães

A escrava Isaura (1875)

Esquema

Tríade romântica



Bernardo Guimarães

A escrava Isaura (1875)



Obra ideologicamente ligada
à poesia condoreira de Castro Alves:

Narrativa de intensa idealização:

Afina-se à luta abolicionista das
décadas de 1870 e 1880:

Linguagem excessivamente adjetivosa:
sobretudo na caracterização dos protagonistas

Ao propor uma severa **denúncia social**

Trata-se de um verdadeiro

Panfleto antiescravista

ROMANCES SERTANISTAS (REGIONALISTAS)

Visconde de Taunay

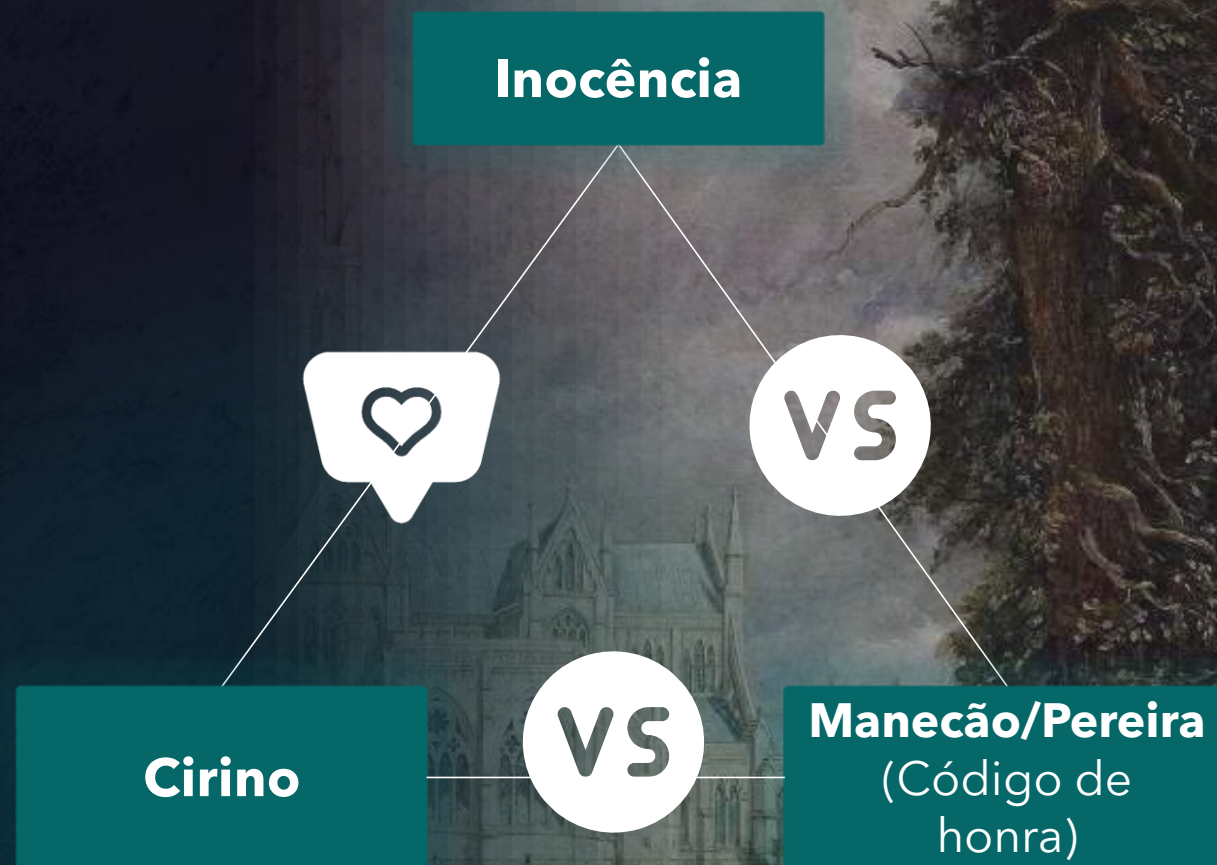
Inocência (1872)

Esquema

Tríade romântica

Outras personagens

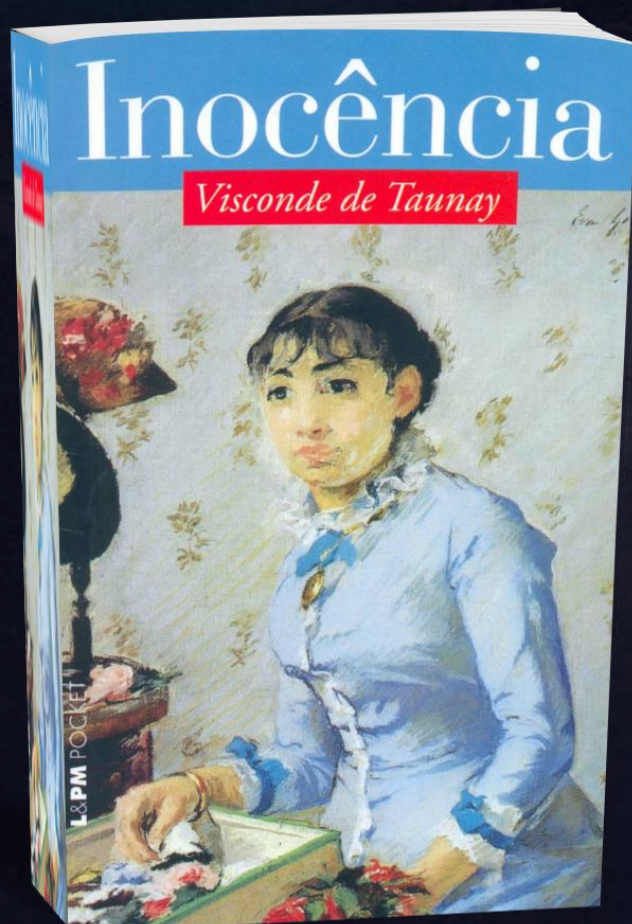
Meyer (alemão) e Tico (anão)



ROMANCES SERTANISTAS (REGIONALISTAS)

Visconde de Taunay

Inocência (1872)



Aspectos relevantes

Características do Romantismo

Estilo folhetinesco e melodramático

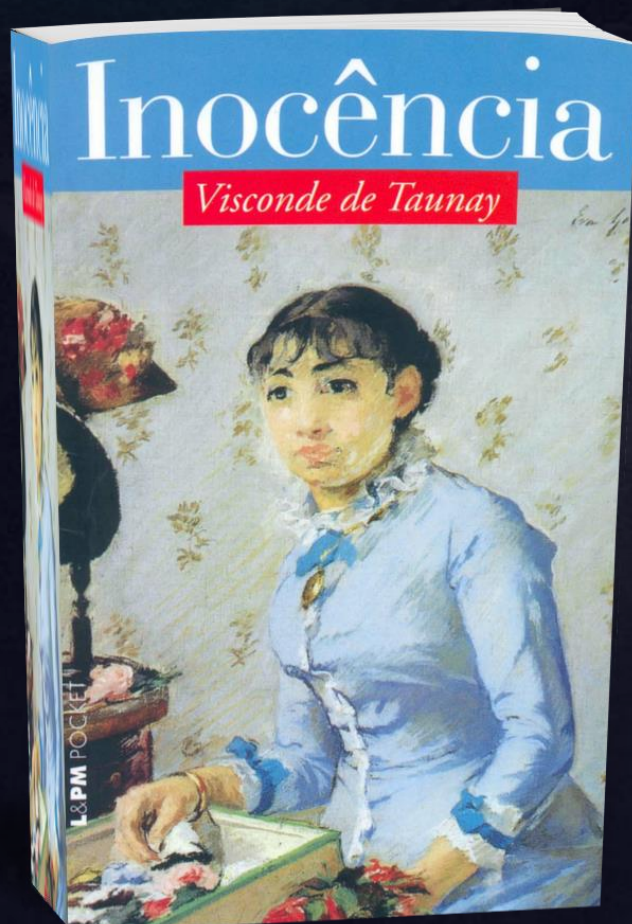
Certa idealização dos protagonistas

Maniqueísmo

ROMANCES SERTANISTAS (REGIONALISTAS)

Visconde de Taunay

Inocência (1872)



Aspectos relevantes



Antecipação do Realismo

1

Crítica ao rígido código de honra e ao implacável patriarcalismo sertanejo

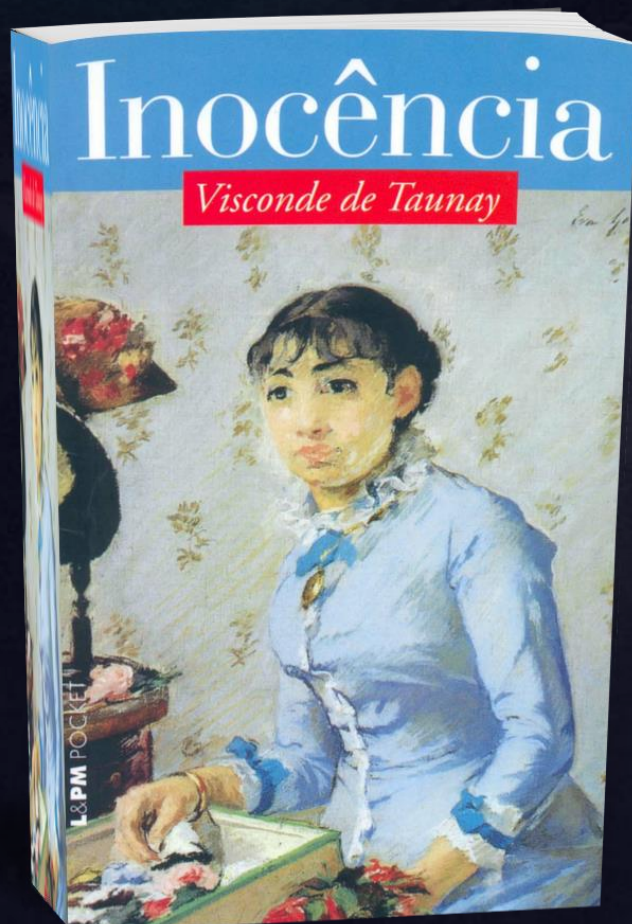
2

Descrição minuciosa da natureza local

ROMANCES SERTANISTAS (REGIONALISTAS)

Visconde de Taunay

Inocência (1872)



Aspectos relevantes

v

Linguagem

Norma culta urbana

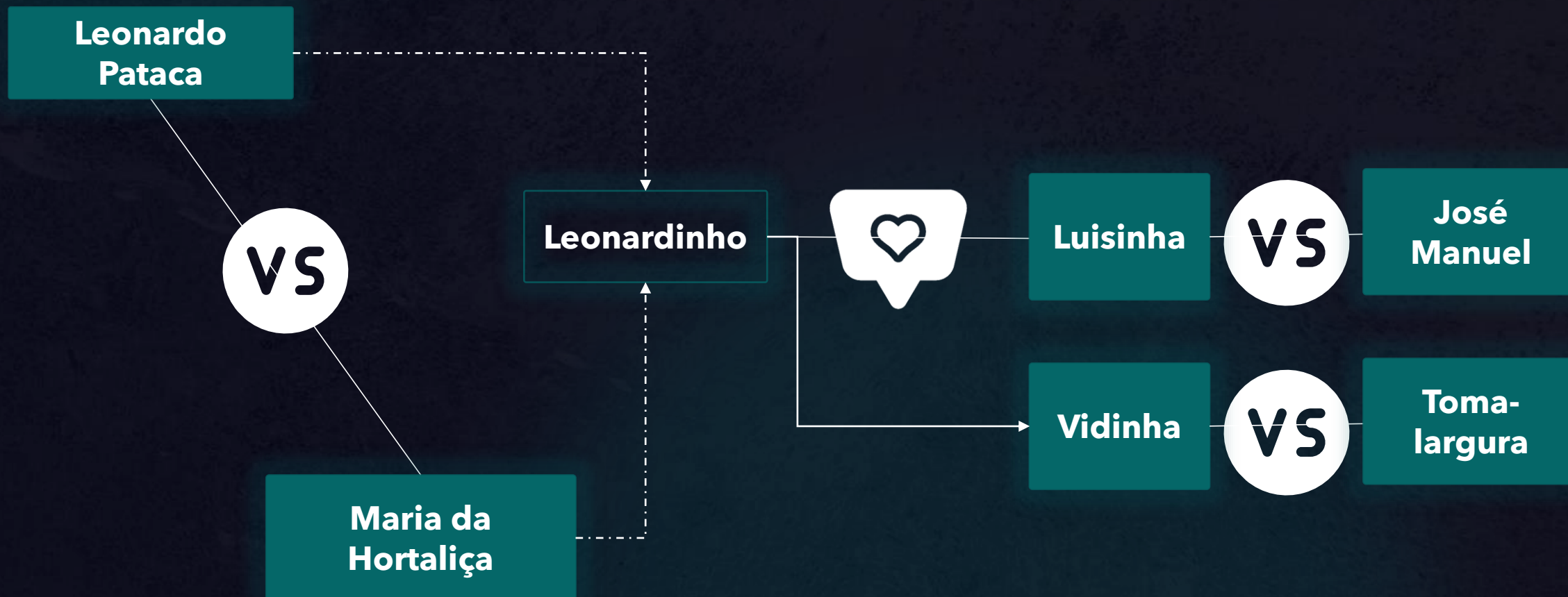
Regionalismos (corruptelas,
arcaísmos, provérbios,
expressões locais)

Forte presença de humor

OBRA ATÍPICA

Manuel Antônio de Almeida

Memórias de um sargento de milícias (1853)



Obra precursora do Realismo



Ausência de quaisquer idealizações:



O próprio protagonista é:

Malandro

Vadio

Meio tolo

Obra precursora do Realismo



Análise crítica (debochada)



Dos costumes moralistas da corte carioca

Postura não maniqueísta

Tanto ao descrever a realidade, como na própria construção das personagens

OBRA ATÍPICA

Manuel Antônio de Almeida

Memórias de um sargento de milícias (1853)

Protetores

Compadre barbeiro

Comadre parteira

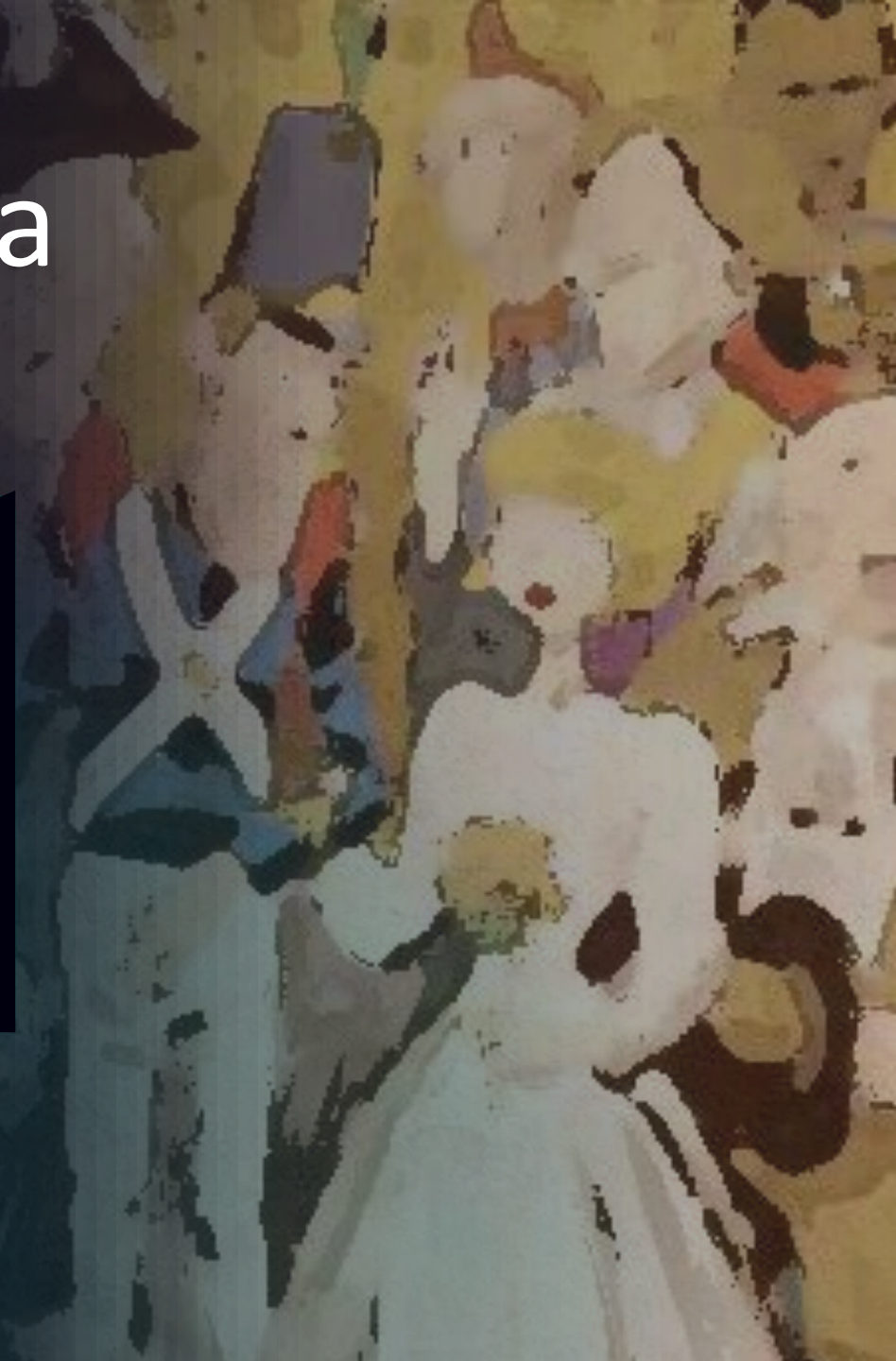
D. Maria

Maria Regalada

VS

Inimigo/Amigo

Major Vidigal



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Romance de costumes

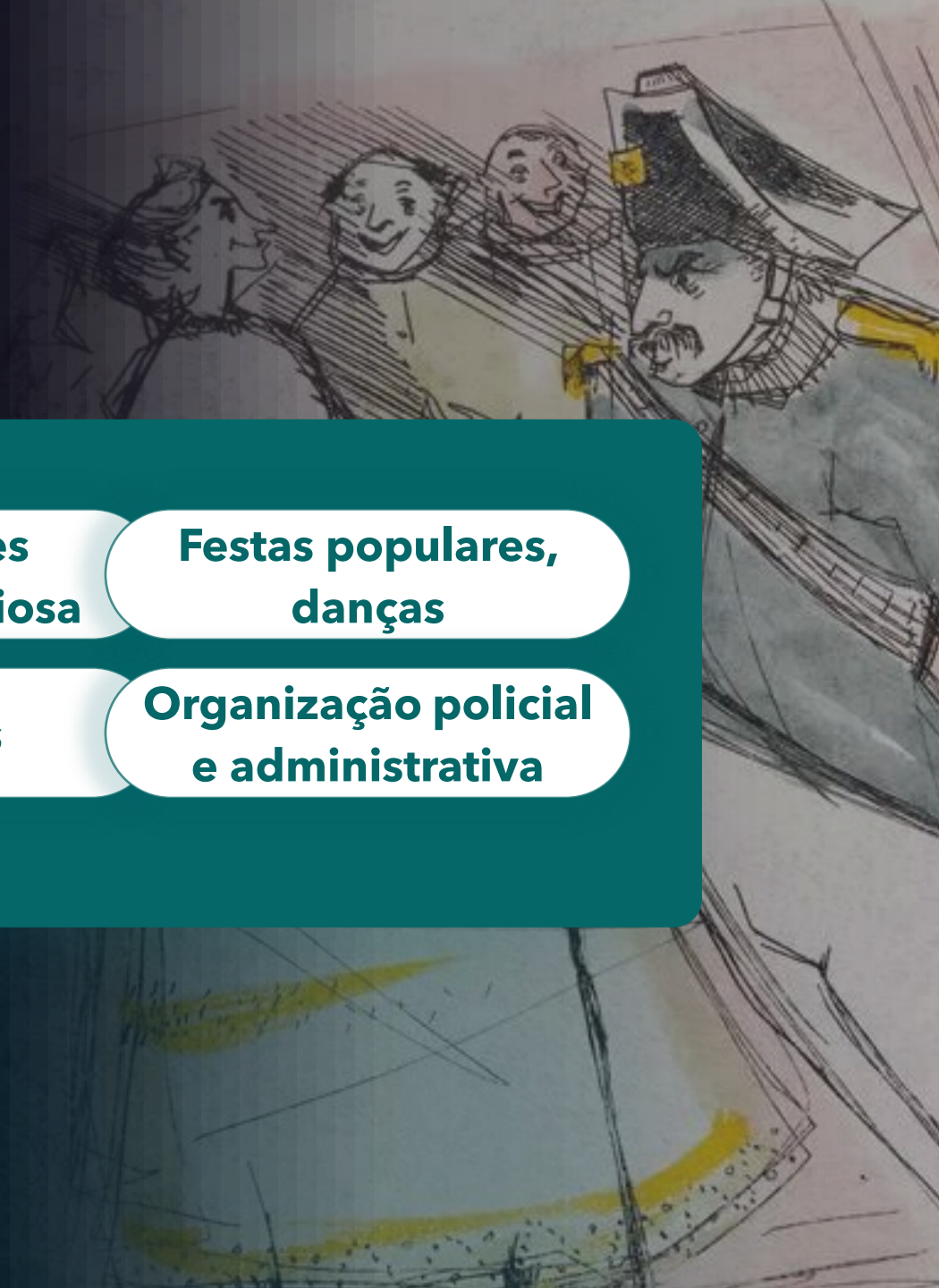
Veracidade na descrição de usos e tipos humanos do “Brasil do tempo do rei” (D. João VI)

Procissões
e vida religiosa

Festas populares,
danças

Músicas

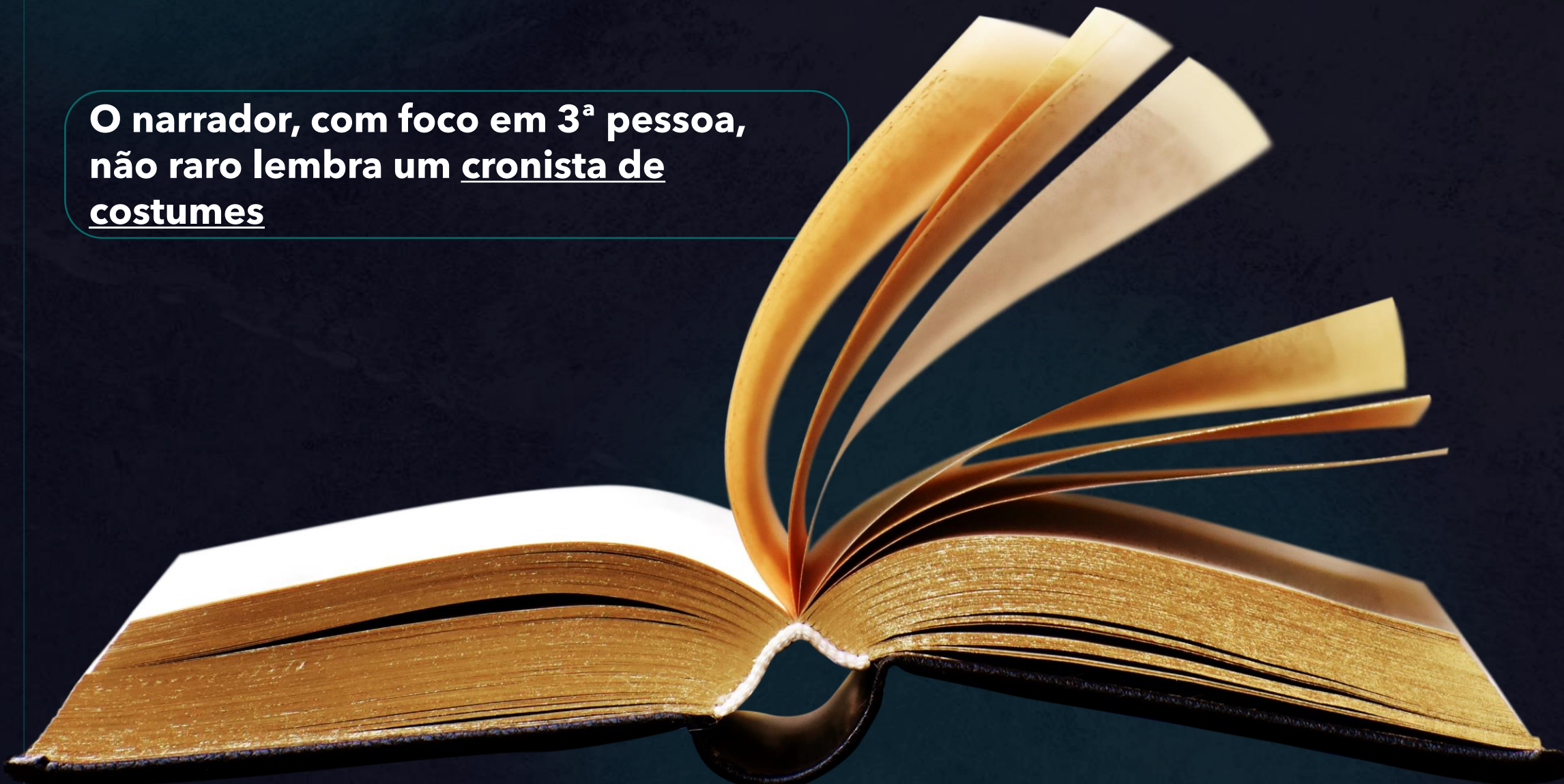
Organização policial
e administrativa



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Romance de costumes

O narrador, com foco em 3ª pessoa, não raro lembra um cronista de costumes

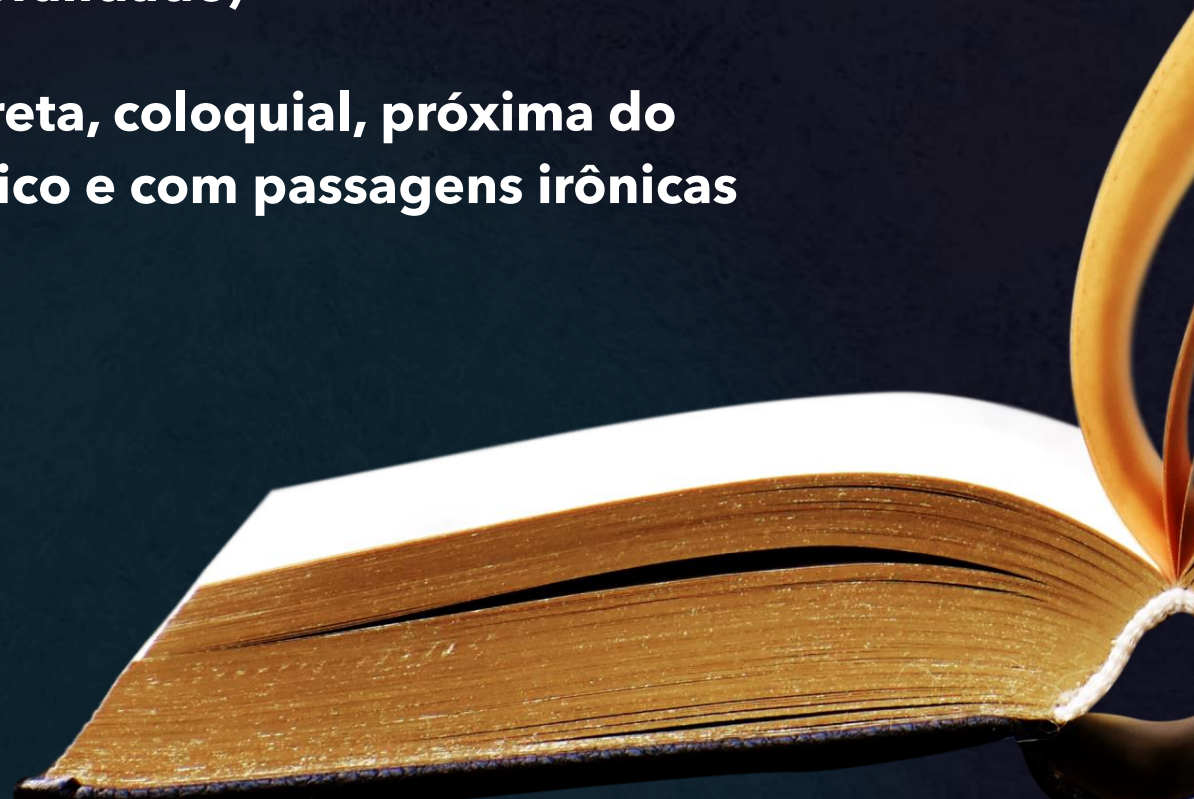


CARACTERÍSTICAS GERAIS

IMPORTANTE

O tom de crônica garante leveza e aproxima a linguagem da obra da fala (oralidade)

Linguagem direta, coloquial, próxima do estilo jornalístico e com passagens irônicas



Romance picaresco

Tipos populares ("a arraia-miúda")

A parteira

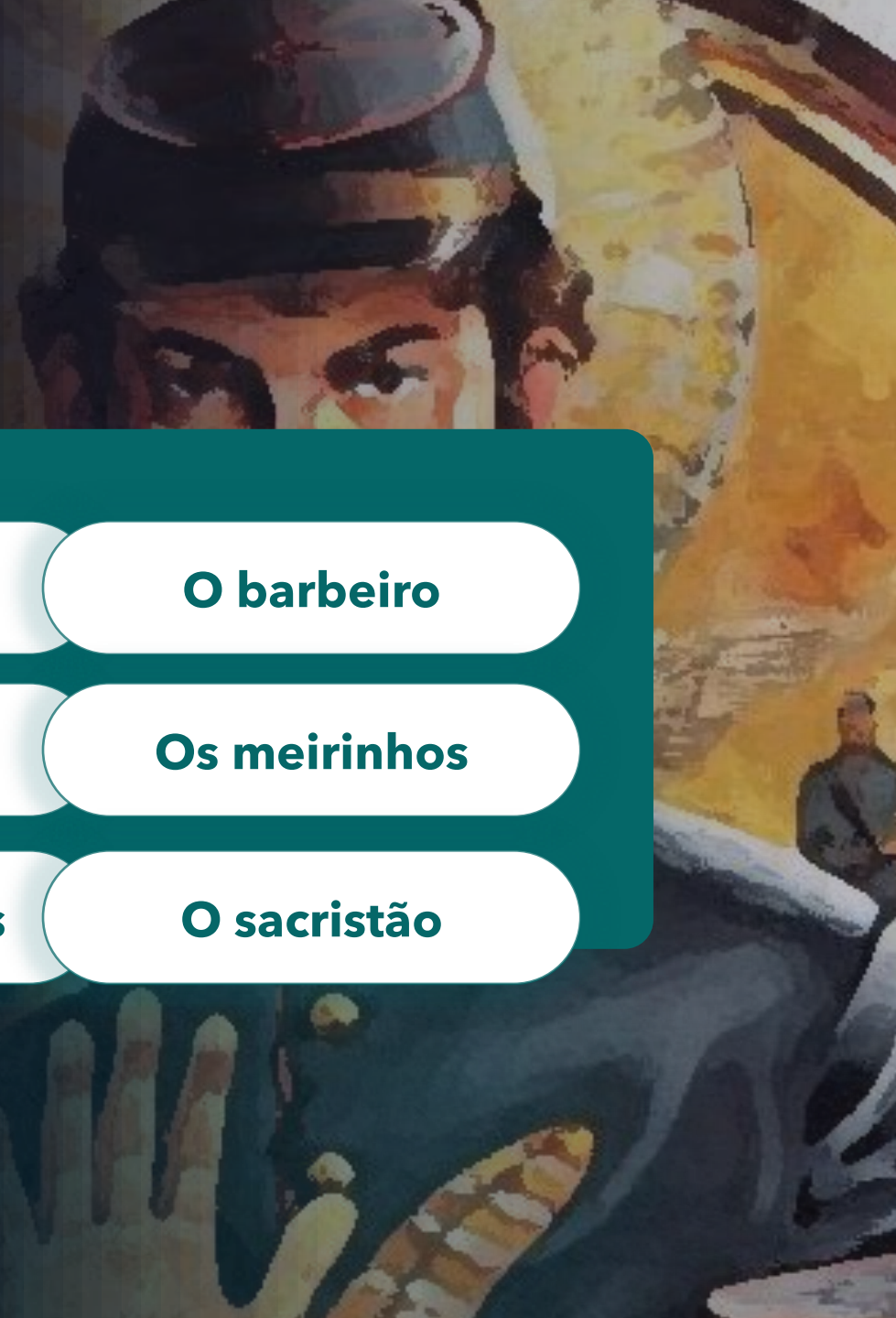
O barbeiro

A beata

Os meirinhos

Os milicianos

O sacristão



Romance picaresco



Pequena burguesia:

o estrato social não é a aristocracia lusitana

E nem a elite latifundiária



Protagonista

Errante: o que permite uma ampla visão da sociedade local

Anti-herói (malandro e vagabundo), mas carismático

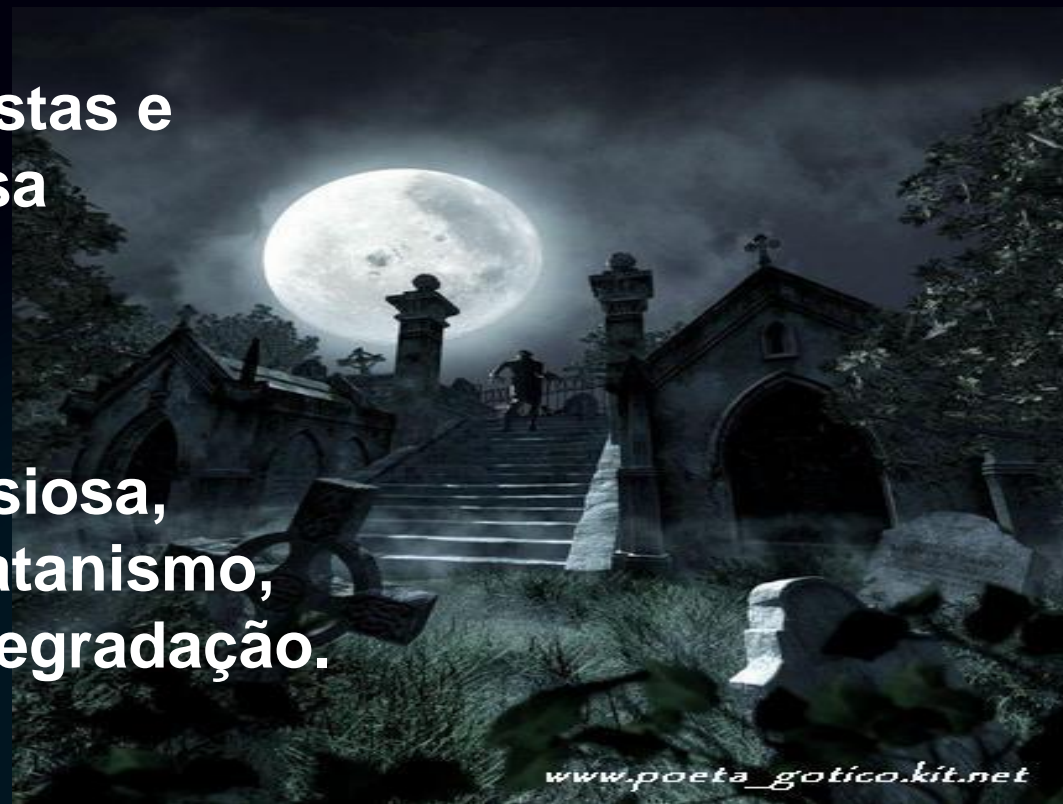
A PROSA GÓTICA



www.poeta_gotico.kit.net

A PROSA GÓTICA

- **Contrapõe-se aos valores racionalistas e materialistas da sociedade burguesa**
- **Surgimento de uma literatura fantasiosa, identificada com um universo de satanismo, mistério, morte, sonho, loucura e degradação.**



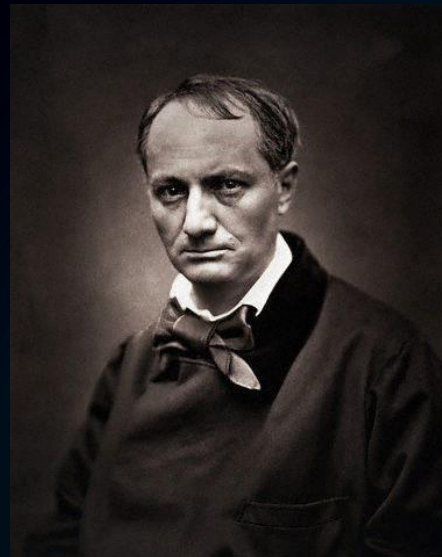
A PROSA GÓTICA

O vampirismo, o amor, a morte e o ambiente noturno, presentes no texto, são elementos da tradição gótica, introduzida na literatura brasileira pelo paulista Álvares de Azevedo e por outros poetas da segunda geração do Romantismo, marcada pelo byronismo e pelo mal do século.

LORD BYRON



BAUDELAIRE



ALVARES DE AZEVEDO



A PROSA GÓTICA

Tradição gótica

- Representada pela prosa de Álvares de Azevedo, por parte de sua poesia (a face Caliban) e por algumas contribuições de Bernardo Guimarães e Junqueira Freire.



A PROSA GÓTICA

- A produção gótica em prosa é representada pelas obras *Noite na Taverna*, de contos, e *Macário*, peça teatral, ambas realizações de Álvares de Azevedo.
- O ambiente noturno e degradado desses textos é fruto da imaginação fantasiosa do quase adolescente Álvares de Azevedo e da influência exercida sobre ele pelo escritor Lord Byron.



A PROSA GÓTICA

Terror, Horror e Repulsa: os três níveis de sensação produzidos no leitor

Terror é para King a mais apurada das sensações produzidas pelas narrativas sobrenaturais. Trata-se de uma emoção gerada não por seres ou cenas que provoquem repugnância, mas sim por um processo de imaginação deflagrado pelo medo daquilo que é apenas sugerido pela narrativa, isto é, por aquelas especulações desconfortáveis que o leitor precisa fazer diante do que a narrativa não diz (ibidem, p. 22). Por **horror**, compreende-se a sensação de medo que não pertence exclusivamente ao campo da percepção intelectual ou espiritual, mas que gera também uma reação física. O **horror** seria, portanto, uma sensação mista que provocaria a percepção de que algo está “fisicamente errado” (ibidem) – monstros, anormalidades, eventos sobrenaturais. Já o terceiro nível, o da **repulsa**, refere-se à sensação produzida por algo repugnante, estimulada por cenas fisicamente perturbadoras (ibidem, p. 23).

Essa distinção, ainda que hierárquica, corresponde aos três possíveis efeitos a serem buscados pelo ficcionista de horror em seu leitor:

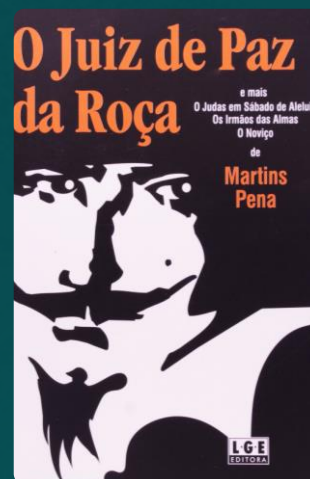
Eu compreendo o horror [sic]⁷ como a emoção mais apurada (...), por isso vou tentar aterrorizar o leitor. Mas se eu perceber que não vou conseguir aterrorizá-lo, tentarei horrorizá-lo e, se perceber, então, que não vou conseguir horrorizá-lo, vou apelar para o horror explícito (KING, 2007, p. 33, grifo meu).

TEATRO ROMÂNTICO DE COSTUMES

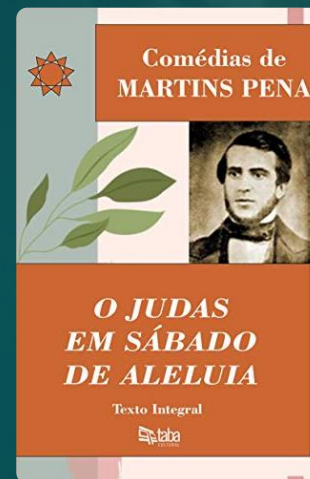
Martins Pena



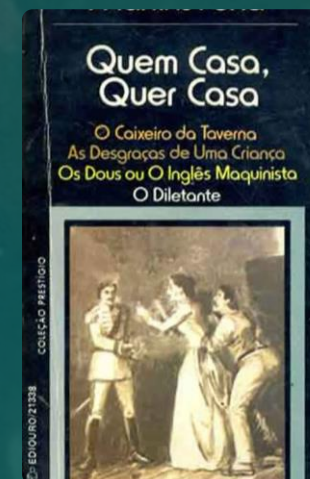
Obras principais



*O juiz de paz
na roça*
(1842)



*O judas em
sábado de
aleluia*
(1846)



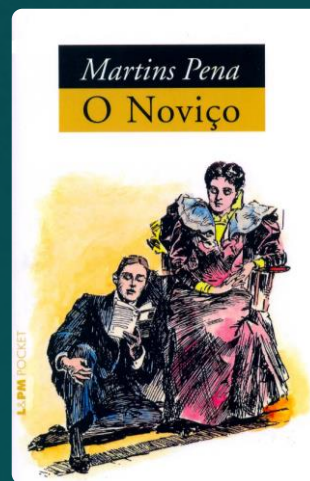
*Quem casa
quer casa*
(1847)

TEATRO ROMÂNTICO DE COSTUMES

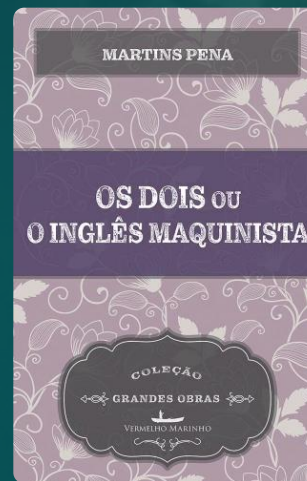
Martins Pena



Obras principais



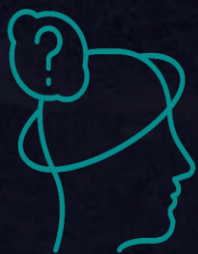
O noviço
(1853)



**Os dois ou o
inglês
maquinista**
(1871)

TEATRO ROMÂNTICO DE COSTUMES

Martins Pena



Fundou o teatro
"brasileiro"

Foi um dramaturgo
bastante popular



TEATRO ROMÂNTICO DE COSTUMES

Martins Pena

COMÉDIAS DE COSTUMES

Recursos cênicos simples

Personagens:

tipos sociais sem complexidade psicológica

Linguagem marcada por **enorme coloquialismo**

Enredos dinâmicos:

reviravoltas, peripécias, enganos e desenganos



TEATRO ROMÂNTICO DE COSTUMES

Martins Pena

**Ambiente
ora rural,
ora urbano
fluminense**

(1ª metade do séc. XIX)

Às vezes, por meio de ironia, as comédias criticam:

1

A carestia da vida

2

A exploração do fervor religioso pela igreja

3

A corrupção das autoridades e a boçalidade do clero

Martins Pena

Às vezes, por meio de ironia, as comédias criticam:

1

A carestia da vida

2

A exploração do fervor religioso pela igreja

3

A corrupção das autoridades e a boçalidade do clero

4

A exploração do país por estrangeiros

5

O casamento por interesse e o extremo patriarcalismo

Amor contrariado

TEATRO ROMÂNTICO DE COSTUMES

Martins Pena

Martins Pena **antecipou o teor crítico do Realismo** ao tornar suas peças um bem-humorado veículo de denúncia das mazelas sociais de seu tempo.

